PMDB quer o vice assumindo

Se depender do comando do PMDB da Paraíba, o governador Ronaldo Cunha Lima, preso ontem pela Polícia Federal após ter dado três tiros no ex-governador Tarcísio Burity (PFL), deve se licenciar imediatamente do cargo. Deste ponto de vista compartilham, entre outros, o presidente do Senado e virtual candidato do partido à sucessão estadual, Humberto Lucena. “Na cabeça do Humberto, esta é a única saída para o Cunha Lima”, disse o ex-deputado João Agripino. “Afinal de contas, ele será processado por tentativa de homicídio”.

Lucena viaja hoje para João Pessoa, disposto a convencer Cunha Lima. Caso consiga, assumiria interinamente o vice-governador Cícero Lucena, parente distante do senador, um empresário do setor de construção civil que nunca havia disputado uma eleição antes de 1990. “Ele tem demonstrado ser um hábil negociador, apesar de sua pouca experiência política”, completou Agripino, que até pouco tempo era vice-presidente da Comissão Nacional de Desestatização. “A sucessão começou com sangue e é preciso que se consiga uma tré-gua rápida, para o bem do Estado”.

O atentado, na opinião dos políticos paraibanos ouvidos ontem, colocou a campanha sucessória nas ruas, onde há dois candidatos declarados, além de Humberto Lucena: a deputada Lúcia Braga (PDT), com o cacife eleitoral do marido, o ex-governador Wilson Braga, e o senador Raimundo Lyra (PFL), que teria Tarcísio Burity como compa-

nheiro de chapa ao Senado.

Pesquisas — Pesquisas de opinião pública realizadas recentemente pelos institutos Aporte, de Recife, e Marketing, de João Pessoa, colocam a deputada em primeiro lugar, com 25% de aceitação do eleitorado paraibano, seguida por Lucena, com 11%, e Lyra, com 8%. Burity, apesar de não ser formalmente candidato, obteve 3% de adesões, mas o atentado poderá ajudá-lo a aumentar sua cotação e negociar uma troca de posições, assumindo a cabeça-de-chapa.

Perfil — Cunha Lima iniciou sua carreira política como vereador e prefeito de Campina Grande. Foi cassado, sob a acusação de subversão, pelo AI-5, em 1968. Anistiado, voltou à prefeitura para cumprir um novo mandato até 1988 e depois elegeu-se governador, derrotando o candidato Wilson Braga (PDT) no segundo turno por uma diferença de 132 mil votos, após ter sido superado pelo próprio Braga, no primeiro turno, por 37 mil votos.

Poeta, apaixonado pela literatura de cordel, o governador não era considerado uma pessoa violenta, até mesmo por seus adversários. Mesmo assim, andava armado e não escondia isso de ninguém. Há um ano, ganhou uma pistola 7.65 de presente e insistia em mantê-la na pasta, apesar das recomendações em contrário. “Ele só tem um problema: bebe demais”, disse um político do PFL, que pediu para não ser identificado.